



# O GALATO



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 26 de Junho de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 999 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS do TEMPO

Em Julho do ano passado ao descer para mais perto da capital, trouxe uma agenda de recados que me tem feito atravessar o Tejo em média duas vezes por mês. Um dos recados vem desde 1975 ou 76; outro, desde o Verão de 1978; os outros encetei-os está a fazer um ano.

— Como vão eles? — perguntar-me-ão...

— Vão bem; bem conservados, iguaizinhos a si próprios, sem avanço de um passo no caminho do apagamento que seria, obviamente, a sua solução. Parece que os temos «para lavar e durar».

É fatigante a cidade dos homens, com o seu peso imenso de inércias e de ineficácia.

Não sei se foi sempre assim, mas agora a produção de leis e decretos processa-se em ritmo industrial. Muitas delas ficam no papel sem chegarem a ser regulamentadas; e acabam por ser revogadas por outras leis e decretos. Os problemas postos, esses ficam pendentes tempo sem fim, à espera do último critério de apreciação.

Outras vezes ainda não há a estrutura legal que contemple o problema posto — problema real, viço, que aperta a vida dos homens. Reunem-se comissões, fazem-se estudos, elaboram-se propostas... e ficamos de novo à espera de decisões que aguardarão «uma manhã de nevoeiro». Ah!, terra de D. Sebastião!

Sem eu querer, vai entrando em mim, teimosamente, uma interrogação: Será que a certos níveis da administração pública se complica, se arrasta... e assim se provoca mal-estar cujas culpas são endossadas a outros níveis?

Combato esta dúvida como a um mau pensamento; mas a verdade é que as situações de carência são más conselheiras e nós lidamos com vida e precisamos de andar em frente.

Um episódio a ilustrar.

Na comarca de Penafiel somos detentores de um record: o processo pendente mais antigo. O que será?...

«Cibinho» veio para nós com cinco anos. Anda agora nos doze. Filho de pai incógnito, órfão de mãe, era presa de um tio, jovem e marginal, que o explorava na mendicância. Inabitado a comida cozinhada, nos primeiros dias connosco não tocava no prato

Continua na 4.ª página



As ameixas estão a amadurecer, em Paço de Sousa. «É melhor fazer um aviso!» — gritam eles — que a fruta é de todos e para todos. Muito bem!

## PARTILHANDO

● Esta é a época dos primeiros frutos da nossa Aldeia. As ameixas estão a amadurecer. E todos os dias aparecem as queixas sobre os que andam à fruta. «É melhor fazer um aviso para todos» — dizem os queixosos. Fez-se logo o aviso! A fruta é de todos e para todos. E todos compreenderam... menos um: o «Ameixa». É verdade! Ao outro dia de manhã, o «Ameixa» deixou-se tentar pelo fruto proibido. E os que viram não lhe perdoaram a infeliz coincidência do apelido com o

fruto do mesmo nome. À tarde do mesmo dia, foi chamado a tribunal e castigado pelo chefe-maioral: o jantar do «Ameixa» foi um prato de ameixas, encontradas no jardim, escondidas. Para que todos vissem e ele ficasse cheio de ameixas até ao fim do nome. Veremos!

● A fruta está caríssima. Há falta dela nos mercados. No entanto, continuamos a receber, por semana, caixas de cerejas, morangos, etc... É aquele senhor, tão nosso amigo, do Mercado da Fruta, do Porto, que no-la dá, assim: «As crianças não têm culpa de não haver fruta; e enquanto houver para mim, há para vós; e o que temos, neste mundo, cá fica tudo». Ele sente a obrigação de dar sempre com amor! Por isso, não há crise nem abundância para ele! Há necessidade de repartir! Um homem cansado de trabalho, mas sempre disponível para dar!

Ontem fui lá «ralhar» com ele: que parasse de nos dar (e guardar) a fruta, ao menos, durante esta crise. O que ele ralhou comigo!

Dezenas e dezenas de contos de réis, por semana, em fruta, que nos dá...

É uma resposta também para aquelas pessoas que nos perguntam como vivemos, sem a ajuda do Estado. Deste, recebemos menos por um ano do que aquele nosso Amigo nos dá por mês. Eis a questão, nua e crua, em contas materiais, somente!

● O «Gordo» — José Albano seu nome de baptismo e como quer que o chamem, agora — ralhou comigo por eu avisar, há dias, que tínhamos semeado melões, na mata, para toda a gente provar e comer. Segundo ele, aquilo requeria um sigilo absoluto, por causa da tentação dos mais fracos. Mas não. Os mais fracos em tentações são sempre os primeiros a saber e a descobrir tudo. Para eles não há segredos nem cantinhos escondidos, a não ser os seus.

Por isso, vamos todos abrir bem os olhos para os melões lá da mata. Será uma solução para evitar a tentação. E todos devemos ser testemunhas de defesa uns dos outros. De acusação, nem todos servimos. Querem ver? Há dias, ao Félix deu uma dor de barriga tão grande que nem de pé se podia pôr. Quando ele procurava o Sampaio para aquelas aflições, alguém, do lado, dizia: «Isso é do veneno dos morangos do Fernando Dias!» Um diagnóstico que até pode nem ser verdadeiro... E logo com o Félix, coitado!

Acusar só com a verdade na mão. Mais nada.

Padre Moura

N. da R. — A colaboração de Padre Moura veio acompanhada deste bilhete:

«Isto é só reforma agrária...»

Cont. na 3.ª página

## Próxima edição

# NÚMERO MIL

Vamos assinalar o número mil de O GALATO — no próximo dia 10 de Julho — com uma edição especial, até por coincidir com três efemérides da Obra da Rua: subida ao Céu de Pai Américo (16 de Julho), 25 anos do Calvário e 27 da Casa do Galato de Setúbal.

Atendendo à crescente tiragem do «Famoso», estamos procurando ultimar a edição — em fotocomposição e offset — com a necessária antecedência, para sair na hora H.

Concretamente, as páginas normais do número mil serão preenchidas com a presença habitual dos nossos Padres, dos nossos Rapazes, imagens da Obra da Rua e colaboração dos Leitores. Do corpo da edição faz parte, ainda, um suplemento de quatro páginas também, que incluirá uma reportagem gráfica de como O GALATO chega às mãos do Leitor; o «Famoso» ontem e hoje: presença de Pai Américo, quatro primeiros vendedores do jor-

nal e alguns dos actuais; notas elucidativas sobre as dependências da Obra da Rua; uma das nossas edições; e mais outra do Património dos Pobres e Auto-construção.

Os leitores agucem o apetite, pois o número mil será uma edição festiva, na qual procuramos assinalar o facto com a importância que merece.

Júlio Mendes

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Custa muito atender as sacrificadas Viúvas!

Aparece agora uma delas, debruçada, que recebe magra pensão do Montepio dos Servidores do Estado: 3.153\$00.

— *Só na doença da minha filha gastei esse dinheiro todo...*

Em tempos, apurámos que teria direito a outra pensão, da C. N. P. Andou por lá a papelada, meses a fio. Veio depois a receber, mensalmente, dois vales de correio: um de 400\$00, outro de 110\$00. Estranhámos, tanto o curioso desmembramento como a miserável pensão. Pedimos esclarecimento. Ainda não chegou!

— *Com'ê q'a gente pode assim viver!...* — comenta ela, desesperada.

— Aguardemos mais um ou dois meses. Pode ser um erro de computador.

— *Eles não fazem caso de nós!...*

Em roupagem negra, a fada dorida mostra bem o peso da cruz: quatro bocas para manter...

● Aquela filha solteira, que se dispôs, inteiramente, a velar pelo pai, está *confundida* com a visita do recoveiro dos Pobres, que lá foi cumprir sua missão cristã.

Segundo ele, o pobre velho rejubilou também; e, apesar dos naturais achaques da avançada idade, reconheceu, por fim, o amigo e conversaram tempo sem fim.

Depois, a filha, de alma a transbordar, desabafa a alegria em família próxima: «Chorou como uma criança — por se ver amparada!...»

Vamos continuar a dar a mão. Ele foi um homem que desbravou terras do Vale do Sousa. Tem calos velhos, nas mãos. Ela, a filha, cumpre, hoje, sacrificadamente, um elementar dever — do qual muitos filhos se esquivam!... E cujo triste facto — tão generalizado! — daria, em nosso modesto entender, matéria homilética para celebrações litúrgicas dominicais. O Senhor Jesus seria oportuno e importuno...

● É trabalhador da construção civil. Um de muitos irmãos que nasceram e cresceram na terra que nos dá o pão. Todos fugiram do sector primário para outro mais rendível — excepto os pais; como, aliás, acontece à maior parte da juventude agrária. São tão poucas (e burocratizadas) as iniciativas conducentes à fixação dos jovens à terra! Os campos estão na mão de gente idosa, grande densidade de mulheres. Que futuro para o sector!?

Este moço constrói a moradia da sua jovem família com muito sacrifício. Ganha, apenas, o salário mínimo e não requereu empréstimo *bonificado*. São milagres de poupança que a gente topa, a cada passo. Milagres desconhecidos do grande mundo que não desce aos campos.

Durante toda aquela manhã de sábado, desde o alvorecer, foram horas de trabalho pesado, no estaleiro da obra, ritmado pelo esforço conjugado de amigos e familiares.

Quando passámos pela obra tinham debandado para o almoço. Ali e aqui todos juntos, em festa!

Esperamos um nadinha junto àqule monumento de fraternidade, com divisões bem dimensionadas, e reflectimos na grandeza espiritual da empreitada.

Chega o nosso Amigo. No rosto, espelha o esforço da manhã. «*A vida dos Pobres é assim! Tudo feito por nossas mãos...*» E desfia confidências, na paz dos campos, ao som do gorjeio dos passarinhos: «*Já comprei todo o material. Faço tudo pela minha mão. Quando preciso, peço ajuda. Estão já aqui muitas horas de trabalho! As paredes foram levantadas só por mim...*» E passa as mãos calejadas sobre a aspereza do tijolo, como quem acaricia um filho predilecto!

No dia seguinte vamos encontrá-lo na obra doutro familiar que, de véspera, o tinha ajudado.

— Por aí!?

— *Temos de ser uns prós outros...*

Nos domínios da Auto-construção espontânea — sem grupos formalmente organizados — a improvisação não deixa de ser, porém, valiosíssimo contributo que supera o nato individualismo latino!

● PARTILHA — Uma figueirense, em Coimbra, deixa 2.000\$00 «para idosos que vivam com dificuldade». Metade da Rua António Carneiro, Porto, «para grandes aflições». São tantas!... 250\$00 de Tires: «Gostaria de manter o anonimato». Descanse! Só Deus sabe, mais ninguém. Cheque de Mangualde:

«*É muito pouco, mas, de momento, é quanto posso mandar. Os encargos que temos são muito grandes e está tudo muito caro. Logo que possa, mandarei mais.*»

Que belo propósito!

Aquela senhora que, há muito tempo, manda sempre uma percentagem do seu vencimento mensal para os Pobres, traz hoje Luz que não pode fioar debaixo do alqueire:

«*Por vale de correio segue a partilha mensal. Saudações fraternais.*»

*Parece estranho que havendo 750 milhões de cristãos, ainda não tenham conseguido mudar a face da Terra! Mas parece-me que uma das causas será também o facto de que chamamos Pai ao nosso Deus e nem sempre nos importamos que alguns dos Seus filhos se regalem na casa de jantar enquanto outros apenas apanham migalhas da cozinha. Enquanto durar esta situação, é difícil admitir que sejamos irmãos e os outros possam dizer, como nos primeiros tempos, «vede como eles se amam» — e, por esse testemunho, o mundo melhora...»*

Assinante 19197 não falha; aí está com 200\$00. Alguém deixa ficar, no Espelho da Moda, 150\$00 em discreto sobrescrito — «pequena ajuda para os Pobres».

Dez rands de Durban (África do Sul) «por alma de minha querida mãe». Outra presença assídua: Rua Esperança do Cardal, Lisboa — 1.000\$00. Alberto, do Porto, vem até nós, entrega 250\$00 e promete mais. Uma descendente de grande vulto das Letras portuguesas manda um cheque de 25 contos, 15 dos quais foram logo entregues a um Auto-construtor — muito aflito.

Finalmente, presença de S. Mamede de Infesta:

«*Envio esta migalha (500\$00) para a filha solteira que cuida do pai. Seja em honra das cinco chagas de Cristo. Também o sou e vivi a cuidar dos meus: do pai, 20 anos; da mãe, 8. Mas deixaram-me, graças a Deus, para poder distribuir por aqueles que têm necessidade. Assim faço. Peço anonimato. Como é belo dar assim, embora pouco, mas só Ele conhecer!*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## IMPANPA DO CORVO

VISITAS — No passado dia 1, feriado municipal no concelho de Miranda do Corvo, tivemos a visita do senhor Presidente da República. Vinha acompanhado de muitas pessoas e muitos carros importantes. Recebemos a todos no nosso largo interior e depois foi a visita à casa-mãe, refeitório, cozinha, sala de costura, piscina, parte da quinta, oficinas, escolas, salão, biblioteca e bar.

Em todos os lugares o senhor Presidente fez perguntas e gostou de saber. Beijou os nossos mais pequenos quase todos e procurou falar com eles. Admirou-se de serem rapazes nossos os chefes das oficinas e admirou-se também de ver os trabalhos que fazemos para os fregueses do fora.

No bar sentou-se um pouquinho e tomou uma pinguita do nosso vinho e uma chávena de café. Todos os outros também tomaram e pareceram-nos que gostaram. À despedida a nossa Casa estava cheia de gente e todos batesmos palmas e o sr. Presidente mostrou-se contente e nós também ficámos contentes. Ficámos todos mais conhecidos e mais amigos.

No último domingo o Coral de Santa Cruz de Coimbra veio passar a tarde connosco. Encontrámo-nos todos na nossa capela e celebrámos a Eucaristia. Foram os elementos do Coral que animaram com cânticos maravilhosos. A Missa durou mais de uma hora, mas foi muito alegre e todos ficámos a gostar muito.

Depois reunimo-nos no salão e eles ofereceram-nos uma festa com órgão, bateria, acordeão por um menino de 8 anos, fados, rock e mais coisas. Foi tudo muito lindo.

A seguir fomos para a nossa sala de jantar — eram bem horas — e jantámos coisas muito boas que eles trouxeram e nos ofereceram. Comemos e bebemos todos muito bem e com muita alegria.

Era noite quando eles foram embora e levaram muitas saudades e nós também gostámos muito. Eles prometeram voltar. Assim esperamos. Recebam as nossas saudades.

Tonito

## Tojal

VENDA DO JORNAL — A venda. O GAIATO assume, para os nossos

pequenos vendedores, aspectos diferentes, quer pelo seu valor real, quer pelo interesse pessoal posto na acção.

Mas, para já, interessa fazer um balanço, ainda que sucinto, desta significativa actividade. Em Lisboa e arredores a venda do jornal tem crescido. Vários factores concorrem para isso: a proliferação de publicações, o clima de apatia social, algum desinteresse dos agentes da venda, tomadas de medidas internas para defesa dos próprios rapazes, o aumento de assinantes, etc. Neste momento, cifra-se em cerca de 7.500 jornais a quantidade vendida quinzenalmente em Lisboa e arredores, repartidos por companhias e igrejas. Queluz, Odivelas, Santo António dos Cavaleiros, Loures e Bucelas são as localidades onde se deslocam os nossos pequenos vendedores para despacharem uma quantidade reduzida de jornais, atendendo ao nível populacional das referidas povoações e da própria capital.

De qualquer modo O GAIATO continua a vencer barreiras, a abrir portas e a ser arauto da Obra da Rua, tal como Pai Américo o idealizou. É materialmente importante, mas ainda mais importante como mensageiro da esperança e da acção. A venda tem para os pequenos vendedores aspectos perigosos e deformadores para os quais é precisa uma atenção especial que algumas vezes não chega para impedir quedas. O levantar cedo e abalar, sacola ao ombro, a caminho dos locais de venda, enfrentando o frio ou calor e ainda algumas respostas de pessoas sem escrúpulos, não deixa de estar envolvido de algum heroísmo que, por vezes, passa despercebido aos adultos. Também há os bolinhos, os pequenos e grandes almoços, as prendas pelos anos e pelo Natal.

Por tudo isto exorto-vos, Amigos, a continuarem a respeitar o Rapaz que se aproxima de vós, primeira condição para o ajudardes a levantar e a ser Homem.

Termino com uma breve história: Em tempos idos estava o «Miranda» a vender o jornal no seu posto de rua habitual e eis que um indivíduo o insulta dizendo: «Vai mas é trabalhar malandro!» Reacção espontânea do rapaz: «Vês as minhas mãos? Mostra-me os teus calos!» Oh pernas para que te quero...!

Jorge

## Paço de Sousa

DESPORTO — O Desporto-rei, em nossa Casa, voltou a ser visto com bons olhos, uma vez que, já há algum tempo, parecia estar pouco à altura daquilo que somos capazes.

No dia 6 do corrente mês tivemos um domingo sobrecarregado, pois a nossa equipa realizou dois jogos. Um da parte da manhã, contra o G. D. Café Oriental, no qual a nossa equipa mostrou uma nova alma. Resultado final: 3-2.

No segundo jogo, da parte da tarde, conseguimos um resultado elevado, frente ao Ajax de Milheirós: 8-4.

Alinharam alguns elementos que formam a nossa equipa B e, na verdade, demonstraram o seu talento. Es-

peramos que se sintam bem, dando à nossa formação tudo aquilo que lhes é pedido, para podermos enriquecer o nosso Desporto.

REUNIÃO DOS PADRES — Os nossos queridos Padres voltaram a reunir, para debaterem problemas da nossa Obra.

Desta vez foi em nossa Aldeia de Paço de Sousa. Uma grande satisfação para todos nós e, em especial, para aqueles que não conheciam todos os Padres da Obra da Rua.

Chegaram na maior alegria e, de seguida, cerca das 19 horas, reunimo-nos na Capela para implorarmos, todos juntos, graças do Pai do Céu — na celebração da Eucaristia.

A reunião dos nossos Padres demorou até de madrugada, já que os problemas normais da nossa Obra são bastantes, mas com a Força de Deus tudo se resolve.

Em nome da comunidade de Paço de Sousa, desejamos as maiores felicidades para todos os queridos Padres da Rua.

FESTA DO CORPO DE DEUS — A nossa comunidade viveu momentos de alegria, na celebração da Festa do Corpo de Deus.

Houve uma procissão que percorreu a nossa Aldeia e, em seguida, recolhemos à Capela para a celebração da Santa Missa, marcada por dois pontos: A Profissão de Fé de sete rapazes que ligaram mais os seus laços de Fé a Deus e à Igreja. E a primeira Comunhão de outros vinte, dos mais pequenos, que receberam, pela primeira vez, o Corpo de Deus, no grande mistério que Cristo nos deixou para recordarmos a Sua última Ceia.

Foi na verdade uma celebração muito alegre para todos nós, do ponto de vista espiritual.

LAVOURA — A nossa comunidade começa a deparar com o problema que todos os anos nos aflige: a fruta.

Nesta época, a Natureza dá-nos uma grande alegria: o amadurecimento dos frutos que, infelizmente, todos os anos, traz problemas, devido a certos meninos não resistirem à tentação de porem a mão no que ainda está imaturo.

O caso que já anda de boca em boca, são as ameixas. Pois de momento não estão maduras e já alguns começaram a experimentar o sabor...

O mau tempo deixou certos recantos da nossa Aldeia com uma aparência triste. Por exemplo, as videiras. Já realizámos vários esforços e esperamos que se alegrem para darem alegria à nossa Aldeia.

OBRAS — A nossa Aldeia está com outra aparência, devido às reparações que se estão a realizar em quase todas as habitações.

Neste momento estão prestes a terminar as obras na casa-mãe, que há bastante tempo precisava de arranjo.

Sentimo-nos alegres com as cores vivas e frescas que, de todos os cantos da nossa Aldeia, despertam a nossa atenção.

Se umas obras estão a terminar, o



# TRIBUNA DE COIMBRA

Com certos amargos da vida vêm coisas muito saborosas. Vale sempre a pena viver na esperança. Amigo de Lisboa foi à Festa ao Monumental e nas capas deixou envelope para nós e o dinheiro foi trocado por bacalhau e o bacalhau sabe-nos muito bem. Há dias, estava eu a escrever para o número mil, foram-me chamar para ir a uns visitantes: era o nosso novo governador civil e autarcas mirandenses. De visita ao concelho também tivemos a presença do sr. Presidente da República e sua numerosa comitiva. A nossa Casa ficou cheia de visitantes e o povo vai aguardando o futuro com mais esperança. Faz-nos sempre bem encontrarmos-nos, sobretudo quando o fazemos por bem.

Senhoras professoras vizinhas visitam-nos muitas vezes com envelopes anónimos; dois mil no Lar; 600\$ da Amiga e mais 1.200\$ levados ao Lar; 500\$ mensais e há dias a visita de Amigo que ficou preso na primeira visita que nos fez; os vales mensais de Vilar Formoso; desde há muito e sempre boa Amiga que vive nos E. U. e agora passou pela nossa terra de meninos; entregas ao vendedor da Sertã; entregas ao vendedor de Figueiró dos Vinhos; cheque de casal visitante; quatro mil de família vizinha; mil e muitas outras ofertas da Covilhã; mil em Vale de Torres Novas; lembrança pelo marido,

pensamento já está noutras. Por exemplo, o calcetamento das ruas que servem as nossas casas de habitação.

Já se iniciaram os preparativos com o transporte de carreadas de pedra para os respectivos locais.

Esperamos que tudo se realize da melhor maneira, para darmos melhor aspecto e funcionalidade à nossa Aldeia, cuja beleza enche os olhos de toda a gente.

Carlos Alberto

**GRUPO DA LENHA** — É um grupo de rapazes encarregado de varrer as ruas da nossa Aldeia, em Paço de Sousa. A verdade é que não varre só as ruas, mas tem outros trabalhos, como a dobragem de O GAIATO — a tarefa mais importante. Se não dobrarmos o «Famoso», os vendedores não podem ir para a rua nem os assinantes recebem o jornal a tempo e horas.

O grupo da lenha tem, ainda, outras actividades importantes, como a limpeza das ribanceiras, arrancar ervas, etc.

Eu sou o actual chefe do grupo. Tomo conta dele e, também, dos «Batatinhas», os mais pequeninos da nossa Aldeia.

Já agora, deixo aqui um apelo a todas as pessoas que nos venham visitar: deixem a nossa Aldeia tão limpa como a encontraram. Assim, facilitam o nosso trabalho, que não é nada fácil.

Termino com um grande abraço para todos os leitores de O GAIATO.

José Matos («Ri-ri»)

da Lousã; ofertas ao vendedor em Anadia; vale e outras presenças de Tomar; ofertório na capela das Carvalhosas; uma grande lista a registar o que nos deixam na Casa do Castelo.

Mil, em cheque, de senhora de Lisboa a cumprir a vontade do marido; as lembranças familiares «dos netinhos» de Mação; cheque de Coimbra; vale de Lisboa; as presenças de grande Amigo que agora se encontra em V. N. de Famalicão; mil e mimos dum dos nossos em S. Martinho; dois mil, roupas e a visita de médico de Coimbra; dois mil de sacerdote, em Mira; muitas migalhas saborosas na minha aldeia; mil de senhora de hotel, em Coimbra; 700\$ de Notário vizinho; um cheque grande de sacerdote a recordar seus mortos; quantia grande de senhora por alma dos seus; mil e quinhentos de duas empregadas domésticas que me escutaram em S. José; 1.970\$ de grupo visitante; vale do Luso; mil de Anadia; cinco mil dum dos nossos a viver na América e agora de passagem por nossa Casa; 950\$ na capela de Monforte.

Grupo de trabalhadores da Agfa-Gevaert com 2110\$; cheque de dez, de Amigo da Parede; «uma simpaticante» de Coimbra; senhora sempre muito Amiga dos Gaiatos com oferta para nós e para o Calvário; dois mil, em vale, do Porto; jovens da Póvoa e alunos do Ciclo de Cantanhede com sua renúncia dum bolo; 2.350\$ de visitantes, de Aveiro; 2.500\$ por quem Deus chamou; mil para amêndoas; mil da Lousã, 680\$ achados e visitantes da Lousã; cheque — fruto da venda de algum ouro que era da mãe; quantia entregue na minha mão; mil mais quinhentos no salão de S. José; mil nas Meãs do Campo; voltei a restaurante no Cabo do Mondego; oito mil de casais visitantes; quinze mil de renúncia quaresmal e ofertório de Unhais da Serra; cinco mil em vale a pedir mais Fé e espírito de partilha. São dons de Deus que nos faz bem pedí-los.

Vale de médico de Vilamar; 500\$ em cheque de engenhei-

## Partilhando

Cont. da 1.ª página

*Há dias, foi Pecuaría. Hoje, é Fruticultura. Amanhã... que irá ser?!*

*O Júlio Mendes também é culpado! Ora tome lá...»*

Para quem pouco saiba da nossa vida — de como O GAIATO é posto na rua — a singela nota de Padre Moura é bem expressiva. Não precisa de comen-

ros de Lisboa; 1.080\$ em vale de Olivais-Sul; a visita pascal do nosso Bispo; mais uma presença de Amigo, agora em Pereira do Campo; mais uma carta da Amiguinha da Pereira; 5.000\$ e a visita de casal da F. da Foz; 500\$ de Natal e 500\$ da Páscoa da Auto-Industrial; dois mil de sacerdote sempre amigo; alguns dos nossos que apareceram. Faz-nos sempre tão bem vê-los assim ligados! Três mil da mão de sacerdote; dois mil de Amigo da Pampilhosa da Serra que passou; três mil pelo pároco de Tomar; mais um casal de Tomar; cheque de amigo da Pocariça; lembrança pelo filho levada ao Lar; as presenças sempre certas e tão antigas das amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; quatro mil de quem, com muita pobreza, conseguiu juntar. Há ofertas que nos sabem a muito martírio! Estas são um grande fermento; a senhora Amiga, dos C. T. T., que continua a entregar ao vendedor.

Muitas presenças de Castelo Branco; senhora que veio de longe trazer muito discretamente sua partilha. Outras vezes temos ido nós a sua casa. Seis mil e quinhentos e a visita das crianças de Cardigos e amêndoas; produto da venda duma jóia que era da mãe; cheque por Amigo da Figueira da Foz que Deus chamou; 6.300\$ de renúncias de alunos da Escola Preparatória da Figueira da Foz; dois mil de casal jovem, nosso vizinho; 500\$ de dois irmãos para a fruta do nos-

## Lar Operário em Lamego

O calendário de Abril a Junho foi bastante carregado. Ultimearam-se as obras do «Jardim», em Samodães, e as facturas eram em catadupas e punham os cabelos em pé...

Mil ideias foram gerando o propósito de **parar...**

Talvez não possa ser assim... Os factos não deixam que seja assim. Caminhar é ordem que nos vem de quem vive os mesmos problemas, mais do nosso interior, mais de ouvir gritar os Irmãos.

Mulher com dois filhos casa com homem viúvo que também os tem e não quer os dela. É forçoso separar os pequenos da mãe. Quem suporta os desgastes?

Casal de jornaleros, sem casa, aventura-se a comprar umas paredes velhas e quer arranjar. Foi preciso dar-lhe o primeiro donativo para fazer a escritura. E agora para os arranjos?

A finalizar o mês, rolam lágrimas abundantes na face duma jovem mãe a informar que tinha um filho com 15 meses, sem ainda andar, e que nasce-

so jantar de 13 de Maio; contamos sempre com bons amigos que temos na Covilhã; peregrinos de Fátima que deixaram do seu pão; mil e bolos que fomos buscar; ofertas junto ao estádio municipal no dia da visita do Santo Padre; mil, em vale, de Lisboa; amigo de Castelo Branco que entrega ao vendedor; 200\$ de funcionários da Fireston; grupos visitantes que vêm todos os anos da Figueira da Foz; mil da Lousã em acção de graças; 300\$ por um doente; cinco mil de anónima vizinha; os cravos da Fi-

gueira da Foz pelo marido; amigo da Mongueira; amiga de Fonte Branca; vale de Condeixa; cheque de Cabeço de Mira; vale de Soure; promessa em Anadia; todos os que vão levar ao nosso Lar.

Na Quaresma juntámo-nos com os cristãos, na Eucaristia, em muitas igrejas da cidade de Coimbra. Partilhámos o Pão da Palavra e outro Pão.

«Os amigos conheceram o Senhor na partilha do Pão.»

Padre Horácio

## NOTAS DA QUINZENA

● Não basta ao cristão ver o Papa, acenar com seu lenço branco, cumprir promessas, baptizar os filhos e fazer primeiras comunhões. Isto não é tudo. Pode até ser nada — se não tiver encontrado o Senhor.

Não é tarefa de momento e fácil. Requer persistência, purificação interior, coração contrito e sempre à escuta.

Assim os primeiros Apóstolos: Depois do «Mestre onde moras Tu? — Vinde e vede». «Eles foram e viram onde Ele morava e ficaram à Sua beira.»

Foi encontro, conhecimento experimental e purificação quotidiana.

Que pena, uma grande parte considerar Jesus um mito; um Homem da História, que passou! Para outros, é o Senhor dos Passos no andor; a imagem que têm na parede; a santa de tal parte onde vão à romaria.

«E vós quem dizeis que Eu sou?»

Guardo, dentro de mim, os olhares das multidões que aclamaram o Santo Padre — num desejo, numa ânsia de procura, ou cravados no helicóptero a perder-se ao longe.

A figura branca do Papa simboliza bem o Senhor Jesus — que, no fundo, é Aquele que procuramos.

Não olhemos para as nuvens! O Senhor está perto, vive no meio de nós:

Está nos irmãos!

Pode estar nos nossos corações!

Vive nos sacrários!

Podemos descobrir o Seu olhar em todas as palavras do Evangelho!

● Sinto angústia e muita desorientação quando muitas famílias vêm partilhar comigo as suas dores e o seu medo; a falta de relacionamento e de paz dentro de seus lares. Faz-me lembrar sempre um local de férias.

Era um riacho límpido e tranquilo. Dava gosto ver o saltitar da água de pedra em pedra, as bolhas de espuma e as margens verdes reflectidas.

Voltei no ano seguinte, num alvoroço antecipado, para rever o meu ribeiro. Um cheiro esquisito?! Ele, turvo... As

Padre Duarte

Cont. na 4.ª página

# AQUI LISBOA!

Escrevemos sempre pedindo ao Senhor que nos ilumine. O «escrever como quem reza» é imperativo de Pal Américo que procuramos ter sempre diante de nós. De qualquer modo, se é certo que colaborar n' O GALATO é uma das nossas principais tarefas, fazemo-lo sempre com certas dificuldades, agravadas, no momento, por impertinente reumatismo na mão direita. Deus seja louvado!

Posto o desabafo íntimo inicial queremos comungar hoje convosco das preocupações que nos vão na alma a propósito da deterioração do teor da vida em geral. Um «pai de família» consciente não se pode alhear do que o cerca, tendo em conta os mais variados aspectos. São os problemas morais; é a deterioração económica; é a degradação do ensino; é a dificuldade em obter o primeiro emprego; é o clima de irresponsabilidade e a incoerência da vida corrente, em que o egoísmo e a mesquinhez prevalecem. As vezes dá-nos a

impressão de estarmos sozinho neste combate a que nos dedicamos por devoção.

Neste momento preciso toca o telefone e, alguém aflito, pede-nos para receber uma criança de 12 anos, abandonada pela mãe (?) aos 8 meses e filho de pai alcoólico, a dormir nos vãos das escadas, cheio de fome, sem higiene nem conforto. Temos que dizer não, que a Casa está cheia e por aguardarmos, sem resposta, quem nos possa substituir com vantagem ou ajudar nesta difícil missão. Como não somos nem queremos ser insensíveis tudo nos faz doer a alma. Ver os outros sofrer sem que lhes possa ser estendida a mão é sempre doloroso.

Este trabalho não é fácil, se bem que belo e grandioso. Os recalques, as frustrações, as carências e as marcas que os nossos trazem à partida são, não raro, transferidos para nós e difíceis de vencer ou colmatar. O baixo índice intelectual do comum das pessoas mais dificulta a nossa acção. A re-

volta interior, consciente ou não, daqueles que nos estão confiados, mais natural e explícita se torna na medida em que não há ligações de sangue e a responsabilidade nos obriga, sob pena de demissão, de dizer sim ou não quando as circunstâncias o exigem. O ambiente social nada favorece nem exemplifica, que os tempos não são propícios aos valores do espírito, os únicos susceptíveis de formar e de salvar. E como a estagnação ou o destruír são situações ou actos mais fáceis do que edificar ou promover, tudo exige muita perseverança e firmeza. Amar é um verbo exigente, que, se não cria calos na cabeça e no coração, pede muito empenhamento, espírito de sacrifício e de renúncia, com o consequente desgaste físico e psíquico.

Que vale pregarmos, por exemplo, a necessidade de trabalhar, se o que vemos à volta é a completa antítese do que propomos? Não fazer ou nada ou pouco fazer, ganhar muito de costas ao alto, ter o mais possível com o mínimo de esforço, são lugares comuns. Vivemos numa sociedade de consumo como nunca, em que o espírito crítico não tem lugar e a abastança é o principal objectivo. Não admira, pois, e isso é o mais fácil e atraente, que o individualismo se sobreponha à solidariedade e que o egoísmo feroz rejeite a fraternidade.

Greves sem nexos e sem sentido repetem-se a cada momento, no desrespeito da liberdade,

de de cada um e no recurso constante à violência e ao desrespeito do Semelhante. A demagogia e a delapidação dos dinheiros públicos processa-se nos variados sectores, mormente naquilo que é oficial ou aparentado. Os responsáveis, em muitos lugares, dispõem do erário comum, sem respeito por ninguém nem por nada, alimentando ou buscando clientelas partidárias em ordem a perpetuarem as suas posições de mando. A prepotência está, de facto, instalada em muitos quadrantes.

O Presidente da Fundação Gulbenkian, interrogado, numa entrevista televisiva, acerca do êxito daquela benemérita e grandiosa Instituição, explicava que tal só podia ter acontecido pelo facto da sua gestão ter sido realizada como de coisa própria se tratasse. Certíssimo e compreensível para todos. Não é isso, infelizmente, o que se observa, muitas vezes, nos serviços públicos e autárquicos, nas empresas nacionalizadas e similares. Daí que os resultados sejam os que todos podem constatar.

Consumo-se, sófregamente, muito acima do que se produz. É uma situação insustentável que conduzirá, inevitavelmente, à ruptura, mais tarde ou mais cedo. Quem pensa nisso? O que as pessoas querem é mais e mais dinheiro, fazendo o menos possível. Sem trabalho produtivo, porém,

não será possível vencer as dificuldades com que deparamos e o futuro, desse modo, estará comprometido. Para lá de forças congregadas na desestabilização social há muita inconsciência colectiva.

«Pontes», mais «pontes». Nem se compreendem nem se justificam. Quantas mais, melhor, dirão! Nestes dias passados quase tudo parou. É um tipo sui-generis de greve. Produzir e trabalhar não é connosco. O desplaneamento chega ao ponto de se fecharem os postos clínicos das Caixas durante quatro dias sucessivos, como ainda agora sucedeu, aproveitando o feriado do dia 10. Quer dizer, se aos feriados, sábados e domingos já se não pode estar doente ou necessitar duma urgência, junta-se agora a «ponte» para alongar o período de inoperância. É triste e, mais do que isso, injusto e irresponsável.

E terminamos com uma história, ouvida nos nossos tempos de Coimbra, entre as muitas relacionadas com ou atribuídas ao venerando e mítico Prof. Elísio de Moura: Alguém que lhe apontava as loucuras deste mundo, que não só as doenças mentais e a falta de estabelecimentos apropriados para o seu atendimento. Resposta: «É fazer uma muralha à volta do País, que fiquem todos os loucos lá dentro». Será que tal será a solução?

Padre Luiz

## NOTAS do TEMPO

Continuação da 1.ª página

às refeições. Depois, vinha com um jeito muito sedutor, pedir «um cibinho de pão». Daí o seu nome entre nós.

Na hora de vir, movimentou-se a terra que conhecia bem o seu viver. Aceitámo-lo com a condição de nos ser dada a tutela, também para o defendermos do tio que não encarava de boa mente o prejuízo da separação e podia vir por ele, o que, aliás, tentou. Sucede que há uma confusão quanto ao nome da mãe e, em vez de uma, surgem duas certidões de óbito. Sem dúvida que havia de procurar-se o esclarecimento da duplicação! Porém ao longo destes anos parece que se esgotaram todas as pistas sem resultado. Daí...: o processo pendente.

Ora o «Cibinho» vive. É nosso há sete anos. Nunca teve pai. Não tem mãe. Será que não há modo de ultrapassar as limitações da lei, enredada em certidões de óbito, dando ao «Cibinho» a confirmação legal de uma tutela que lhe é devida e, de facto, a Obra da Rua lhe presta desde há sete anos?!

Quanto irá durar ainda este record? Será batido por algum dos meus presentes recados na capital?...

\*

Desde Angola eu não sentia tanto a Festa litúrgica no pulsar religioso do Povo como tem sido na celebração dos grandes Dias na Sé de Setúbal.

Celebrações muito concorridas; participação geral no canto e nas cerimónias, estas entregues quase exclusivamente à responsabilidade de leigos; uma simplicidade muito digna em todos os intervenientes; ausência de pressa; alegria visível em toda a assembleia — enfim, um ambiente de comunhão com o sabor que colhemos das reuniões da primitiva comunidade de Jerusalém, conforme nos narram os Actos dos Apóstolos.

Já nas celebrações da Semana Santa tivera esta impressão. Ontem ficou mais marcada com a Procissão do Corpo de Deus, tão concorrida, tão a sério, sem nada de enfeites exteriores. Foi o Senhor que passou. Nada que distraísse os olhos ou enchesse os ouvidos, a não ser a imponência própria do cortejo e o canto da multidão e as reflexões doutrinais transmitidas, este ano, a partir das palavras que o Papa nos disse nos breves dias da sua visita — mensagem tão rica, tão de remoer, que importa seja lembrada muitas vezes e nunca de esquecer.

Uma nota muito positiva: o civismo de todos, mesmo entre os assistentes que porventura não partilhassem o fervor da Fé dos que se incorporaram.

O Senhor passou. Ele passa e fica connosco. N'Ele a razão da vitalidade de manifestações como estas da Cidade de Deus que nos refrescam e revigoram do cansaço da cidade dos homens.

Padre Carlos

## QUEIMA DAS FITAS

É já da tradição da «Queima das Fitas», da Universidade do Porto, um grupo de vinte a trinta rapazes, dos nossos mais pequenos, acompanharem os estudantes durante um dia — como aconteceu recentemente — percorrendo casas comerciais, toda a cidade, à laia de peregrinação.

Todos querem ir. Faz-se uma selecção. E os que ficam, ficam tristes. É já de tradição... Os que foram, contam coisas, felizes! Recebidos sempre com muito carinho da parte do bom povo da cidade Invicta e acompanhados com a boa disposição e juventude dos estudantes. Que mais querem?!

É bom que as tradições humanas — com raízes na alegria e no Bem — não acabem. Que tudo o que aproxime e una as pessoas pela solidariedade e pelo amor, não morra nunca.

Afinal, os Homens quando são humanos, são maravilhosos. A maravilha de Deus! Suas obras, suas tradições e costumes sem Ele, passarão...

Padre Moura

## NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 3.ª página

margens murchas. Uma lama viscosa que em vez de ir de pedra em pedra me entrou na alma e amarfanhou meu coração! Uma empresa tinha construído uma fabriqueta um quilómetro acima.

É bem a imagem de tantas famílias, que, dum momento para o outro, viram fugir a paz, a alegria e o gosto de viver.

O rio poluiu. A nossa sociedade orientou todos os padrões para o ter sempre mais; em vez de para o ser cada vez melhor.

Só voltando às nascentes... É quanta coragem é precisa para renascer!

Deixemos entrar dentro dos nossos lares a Palavra de Deus... Ela é semente de afecto e paz! É Luz que nos mostrará de novo o fundo do rio e dará cor às margens ressequidas. Amém.

● Ao ver a pomba da paz no Mundial de Espanha, não contive uma lágrima furtiva.

Deixá-la cair...

Nela, a fome de tantas vítimas da guerra... Vítimas inocentes e sofredoras... Algumas ajudei a equilibrar em cima das pernas (autênticas estacas de pau), para lhes alimentar um pouco a esperança.

Nela, também, as parangonas dos homens da «paz» que a jogam como pedras a pombos. Nada contém a fúria! Todas as nações dizem «paz» empunhando armas!

Quando aprendermos a colocar nas valas dos alicerces os Outros em vez de nós — teremos a paz.

Ela é a conquista de nós próprios e nunca a entrada na cidade estrangeira.

Padre Telmo



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa